

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MARIA MIRACI ROCHA MORENO

**PROCESSO DE ADAPTAÇÃO: A INSERÇÃO DAS CRIANÇAS NO MATERNAL
DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Parintins

2018

MARIA MIRACI ROCHA MORENO

**PROCESSO DE ADAPTAÇÃO: A INSERÇÃO DAS CRIANÇAS NO MATERNAL
DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão de Curso de Graduação
em Pedagogia, pela Universidade do Estado do
Amazonas apresentado como exigência para
obtenção do grau de licenciado em Pedagogia

Orientadora: Prof^ª Dra.: Ângela Maria Rodrigues de Figueiredo

Parintins

2018

MARIA MIRACI ROCHA MORENO

**PROCESSO DE ADAPTAÇÃO: A INSERÇÃO DAS CRIANÇAS NO MATERNAL
DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão de Curso de Graduação em
Pedagogia, pela Universidade do Estado do
Amazonas apresentado como exigência para
obtenção do grau de licenciado em Pedagogia

Aprovado em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Ângela Maria de Figueiredo
Universidade do Estado do Amazonas

Prof^ªMSc. Francisca Keila Freitas Amoedo
Universidade do Estado do Amazonas

Prof^ªMSc. Ruth Cristina Soares Gomes Araújo
Universidade do Estado do Amazonas

Ao meu filho amado Paulo Victor que foi uma das motivações para que eu pesquisasse sobre esse tema. Hoje eu sei que para que a criança venha ter o seu desenvolvimento integral no espaço escolar, ela tem que ser “amada” e “respeitada”.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus que iluminou meu caminho nessa caminhada, aumentando a minha fé a cada obstáculo que aparecia, sem ele eu nada seria.

Aos meus pais Francisco Edmilson Moreno e Francisca Rocha, pois com muita simplicidade me deram educação, me ensinaram os valores que eu precisava para ser quem eu sou hoje. Minha eterna gratidão!

Aos todos os meus irmãos em especial a Claracir Rocha e Graci Moreno que sempre me apoiaram nos momentos mais difíceis dessa minha caminhada, vocês sem dúvida têm parte nesse trabalho por cuidarem do meu filho enquanto eu trilhava o meu caminho na faculdade. Essa vitória também é de vocês!

Ao meu amado e querido filho Paulo Victor , que foi ponto de partida para a pesquisa dessa temática. Obrigado pela paciência e compreensão por muitas vezes eu estar distante e não poder ter dado a atenção e o carinho que ele você precisava. A mamãe sempre pensava em você, você é minha vida.

Ao meu amigo e companheiro Wilton de Souza Fonseca que por muitas vezes não entendia minha ausência, mas sempre que eu precisava estava disposto a me ajudar, saiba que tudo que eu fiz, o caminho que trilhei foi sempre pensando na nossa família. Enfim terminou!

A toda comunidade do CEI Jaime Lobato, por abrir as portas do centro para que pudéssemos realizar nossa pesquisa. Em especial as crianças da turma do maternal “H” da turma de 2018. Obrigado minhas crianças pequenas vocês foram peças importantes na construção desse trabalho.

A minha orientadora Dra. Ângela Maria Rodrigues de Figueiredo disponibilizando o seu tempo e pelo conhecimento compartilhado, para que pudéssemos alcançar nossas metas e sonhos. Muito obrigado!

Não posso deixar de agradecer as pessoas que se fizeram presentes nessa caminhada vivenciando as alegrias e tristezas dessa tarefa difícil que é ser acadêmica, Maria Dioneia Muniz, Carmen Dayse Veiga e Neiva Abecassis que se tornaram mais que amigas, são minhas irmãs. Obrigado por toda a parceria construída desde o primeiro período da faculdade e que permaneceu até o final da vida acadêmica. Essa amizade vai além dos espaços da UEA, amor para toda vida.

Aos amigos que foram surgindo no decorrer dos períodos Raimunda Odeilza Muniz, Liliane Nascimento, Noemea Lima, Amanda Guimarães, Elinara Ribeiro, Renata Caroline,

Roberlan Melo, Keyciane Tavares. E aos demais colegas que compartilharam essa trajetória acadêmica. Meu obrigado a todos!

Aos queridos professores os quais criei laços de amizade Eliseu Souza, Gyane Karol Leal, Renner Dutra, Gracy Kelly Dutra, Maildson Fonseca, Célia Serrão Ruth Cristina, Francisca Keila Freitas Amoedo, Clodoaldo Pires, Ágdo Regis, Simone Silva, Mateus Coelho. A querida Célia Serrão. Obrigado por todo conhecimento construído e por fazerem parte dessa etapa da minha vida, a vocês a minha eterna gratidão.

E a todos que contribuíram direta e indiretamente para que eu pudesse concluir mais um sonho em minha vida. Muito obrigado!

*“Para entender o que o outro diz, não basta entender suas palavras,
mas também seu pensamento e suas motivações”.*

(VYGOTSKY, 1991)

RESUMO

O presente trabalho trata de um estudo sobre o processo de adaptação, a inserção das crianças no maternal da Educação Infantil em um Centro Educacional no Município de Parintins. Com objetivo de compreender no processo de adaptação, os desafios e possibilidades no ingresso da criança no maternal da Educação Infantil. O ingresso da criança no Maternal da Educação Infantil é um marco na vida da criança, representa uma linha, é a saída do meio familiar para vivências de um mundo novo, partilhados entre desafios e possibilidades. A problemática parte de uma inquietação vivenciada junto ao meu filho, no qual me motivou entender como acontece o processo de adaptação no ingresso da criança no Maternal da Educação Infantil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de abordagem fenomenológica, destacando a observação participante, tendo um grau de proximidade com as crianças e o contexto da pesquisa. Os dados foram coletados através da observação direta, com propósito de conhecer a realidade que nos propomos investigar. Foi necessária a entrevista semi-estruturada, a conversa informal com as crianças que serviram de subsídios para uma análise dos dados coletados acerca da realidade pesquisada. Tendo como teóricos que nortearam a pesquisa Vygotsky (1991), Kramer (2003), Friedmann (2012), Craidy e Kaercher (2001), Moyles (2010), Chizzotti (2006), Fazenda (2010) e entre outros, que nos possibilitaram um melhor entendimento sobre o tema pesquisado. Assim, evidenciou que são muitos os desafios enfrentados pelas crianças e por todos os envolvidos. A criança que ingressa no maternal da Educação Infantil vivencia um mundo novo que permite a mesma o seu desenvolvimento de forma integral, para isso o educador torna-se um agente importante, com o papel de acolher e fazer com que ela se sinta amada querida e respeitada nesse novo ambiente.

Palavras-chave: Criança.EducaçãoInfantil.Adaptação. Inserção.

ABSTRACT

The present work deals with a study about the adaptation process, the challenges and the possibilities that the children experience when entering the nursery school in an Educational Center in the Municipality of Parintins. With the objective of understanding in the process of adaptation, the challenges and possibilities in the entrance of the child in the nursery. The entrance of the child into the Maternal Child Education is a milestone in the life of the child, represents a line, is the departure of the family environment for experiences of a new world, shared between challenges and possibilities. The problematic is based on understanding how the process of adaptation occurs in the entrance of the child in the Maternal Child Education. This is a qualitative research, with a phenomenological approach, emphasizing participant observation, having a degree of closeness to the children and the context of the research. The data were collected through direct observation, in order to know the reality that we propose to investigate. It was necessary the semi-structured interview, the informal conversation with the children that served as subsidies for an analysis of the data collected about the researched reality. As theorists who guided the research Vygotsky (1991), Kramer (2003), Friedmann (2012), Craidyand Kaercher (2001), Moyles (2010), Chizzotti (2006) and Fazenda(2010) a better understanding of the researched topic. Thus, he pointed out that there are many challenges faced by children and by all those involved. The child who enters the nursery of Infant Education experiences a new world that allows the same its development of integral form, for this the educator becomes an important agent, with the role of welcoming and making her feel loved, loved and respected in this new environment.

Keyword:Child.ChildEducation.Adaptation. Insertion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Primeiros contatos com a sala de aula.....	34
Figura 02: Momento do brinqueado.....	41
Figura03: Hora do brinqueado criança brincando sozinha.....	41
Figura04: Crianças brincando no parque da escola.....	42
Figura05: A professora conversando com as crianças apresentando.....	45
Figura 06: A criança perguntando pelo pai	45
Figura07: Momento inicial com as crianças.....	47

LISTA DE SIGLAS

RCNEI –Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

LDB – Lei de Bases e Diretrizes

CEI – Centro Educacional Infantil

SEMED – Secretaria Municipal de Educação

AMPC – Associação de pais e mestres comunitários

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1– CRIANÇA E INFÂNCIA	15
1.2 Educação Infantil: escola para crianças pequenas.....	17
1.2.1 Adaptação na inserção da Educação Infantil.....	18
1.2.2 A socialização no processo de adaptação na pré-escola.....	20
1.3 O desafio da criança, dos pais e professores no ingresso da criança na vida escolar	21
1.3.1 O educador de crianças pequenas	23
1.3.2 A rotina das crianças na Educação Infantil.	25
CAPÍTULO 2– PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	27
CAPÍTULO 3– ANÁLISE DE DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	31
3.1 É hora de ir para escola: mamãe vai, mas a mamãe volta.....	31
3.2Deixei a mamãe em casa seu amigo agora eusou.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICES	54
ANEXO.....	58

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa tem como tema Processo de Adaptação: a inserção da criança no maternal da Educação Infantil e tem como objetivo investigar no processo de adaptação os desafios e possibilidades vivenciados pela criança ao ingressar no maternal da Educação Infantil, tendo como foco principal a criança, entre os atores envolvidos nesse processo como os responsáveis e a professora.

A entrada da criança na escola representa um marco em sua vida, para muitas representa uma linha divisória, é a saída do ambiente familiar para a conquista de um mundo novo. É um processo, que vai sendo conquistado e construído nas interações com outras crianças e professores. É um momento de responsabilidades partilhadas entre escola e família. É importante considerar que essa criança ao entrar no ambiente escolar já tem uma história de vida, passou por inúmeras experiências e que faz parte de um determinado grupo social, ou seja, está habituada a conviver em um determinado grupo de pessoas.

Compreendemos o processo de adaptação no ambiente escolar como uma etapa a qual a criança é “obrigada” a se adequar em um âmbito social, onde terá que conviver com pessoas que a mesma não tem até então nenhum contato. Sabemos que é de suma importância sua inserção nessa primeira etapa de ensino, mas como isso pode ser enfrentado de forma menos dolorosa e que a criança venha superar esse processo de adaptação que é carregado de apreensão e insegurança, o menos doloroso possível? Levando em consideração que é um momento propício para novas conquistas e aprendizagens que levarão as mesmas a ganhar autonomia e aos poucos ganhar independência tão necessária para a vida em sociedade.

Nesse sentido, vemos a importância de abordar essa temática, buscando uma compreensão enquanto futura profissional atuante nessa área da Educação, entender como a criança enfrenta esse processo de adaptação, tanto social e emocional e assim investigar quais os desafios e possibilidades no ingresso da criança no Maternal da Educação Infantil?

Quando uma criança inicia sua vida escolar, especificamente no maternal encontra um mundo novo, novas experiências. O ingresso da criança no maternal da Educação Infantil pode ser de ansiedade tanto para elas, para seus pais e professores, dependendo de cada criança as reações podem ser diferentes, tanto em relação às manifestações emocionais, sociais, quanto ao tempo necessário para superar o processo de adaptação, pois o que é novo traz inquietações até mesmo para nós adultos que sabemos lidar com inúmeras situações.

Diante dessas manifestações nos apropriamos da fenomenologia para buscar a interpretação das manifestações expostas por cada criança, o motivo do choro, da raiva, das

brigas. Foi importante para a pesquisa que se fizesse a observação direta com o propósito de estar ali presente, conhecendo de perto cada criança, tornando-se parte daquela realidade fazendo com que as crianças sentissem seguras para conversar e falar os motivos de suas inquietações. Foi necessária a observação participante, onde nos foi dada a autonomia para estarmos diretamente participando juntamente com a professora no período em que a mesma estava sem auxiliar, essa oportunidade foi de grande relevância, nos sentimos de fato como ator daquela realidade.

Diante disso, foi possível criar com as crianças uma relação recíproca de segurança, onde tivemos uma facilidade em coletar informações através da conversa informal com as crianças.

Para uma melhor compreensão daquela realidade, fez-se necessário entrevistas com os pais, onde eles relataram suas inquietações sobre seus filhos ingressarem sem muitas experiências no maternal, reconhecendo que foi um momento de aprendizagem e novas conquistas, onde seus filhos tiveram um avanço positivo em relação aos desafios vivenciados no primeiro ano de ingresso na pré-escola.

O ingresso da criança na Educação Infantil representa um grande passo em direção a independência, e isso é importante para o seu desenvolvimento enquanto ser social, vivenciar outras experiências fora do ambiente familiar, para muitas crianças, essa não foi tarefa fácil, pois vimos crianças chorando, entre uma reação e outra não querendo ficar naquele ambiente carregado de apreensão, medo e insegurança. Mas com o passar dos dias as crianças ganharam autonomia para agir livremente com seus colegas e professores.

Foi um momento de novas possibilidades superadas através dos desafios ali encontrados, o choro com o passar dos dias se transformou em alegria, a cada música cantada, a cada abraço da professora e a cada momento de interação e brincadeiras com seus colegas. Essa problemática parte uma inquietação pessoal vivenciada junto ao meu filho, que hoje tem 10 anos, que não teve uma adaptação saudável para que tivesse uma permanência sem choros, com animo em estar no seu primeiro ambiente escolar, foi a motivação inicial para a pesquisa dessa temática.

Considerando a importância desse momento e de outros aspectos, o trabalho foi desenvolvido a partir desse processo entender como acontece os primeiros contatos da criança na pré-escola, como se dava o processo adaptação das crianças nesse ambiente novo e desafiador, mas cheio de perspectivas, tanto para as crianças, como para seus pais e professores.

Dessa forma a Educação Infantil através da professora cumpre o seu papel em desenvolver plenamente a criança, seu lado social, cognitivo e motor, percebemos que as crianças se socializavam com seus colegas e professores, com novas aprendizagens, ganharam autonomia para desenvolverem algumas atividades sem precisar da ajuda do adulto como, ir ao banheiro sem ajuda do professor, merendar o lanche da escola, cantar uma música articulando - se livremente e participar das atividades dentro e fora da sala de aula. Tomamos como estudos Vygotsky (1991), Friedmann (2012), Craidye e Kaercher(2001), Moyles (2010), além de como documentos legais: Constituição Federal e a Lei de Diretrizes e Bases (9394/96) e Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil, bem como documentos legais, entre eles, a Constituição Federal 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN 9394/96, documentos oficiais como o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil- RCNEI, nos serviram como suportes para que pudéssemos concretizar nossa pesquisa.

O trabalho se divide em três (03) capítulos, onde o primeiro capítulo se subdivide em 03 (três) subtópicos que abrangem um pouco da criança e suas relações no decorrer dos tempos, principalmente como foi o desenrolar do atendimento até chegar o a nossa realidade onde, é de fato e de direito a inserção e a permanência em um espaço escolar. Além de trazer como acontecem os primeiros contatos das crianças na pré-escola, uma relação que depende não somente da ação do sujeito, mas dos agentes que fazem parte desse processo como os educadores e a família.

No segundo capítulo, tratamos do percurso metodológico abordando os passos o universo e o contexto da pesquisa, sua natureza, as estratégias e as técnicas de coletas de dados, que nos serviram como subsídios para o andamento e concretização da nossa pesquisa.

O terceiro e último capítulo, trata-se da análise e discussão dos dados coletados, através da observação direta, no qual fizemos presentes desde os primeiros momentos do início das aulas, observando e agindo com elas. Nossas observações estavam voltadas para os primeiros contatos das crianças fora do ambiente familiar, suas inquietações, medos e inseguras e as possibilidades vivenciadas pelas crianças no momento de inserção escolar.

Os resultados apontam que o ingresso da criança na vida escolar sem dúvidas é um marco para qualquer criança que ingressa na pré-escola em sua maioria com três anos, muita eram crianças dependentes de um adulto para fazer algumas atividades, como ir ao banheiro, tomar água entre outras atividades trabalhadas na escola.

Concluimos que grande parte dessas conquistas foi mérito da professora titular da sala, onde no processo de adaptação foi responsável em fazer desse processo menos doloroso

possível, criando uma relação recíproca de carinho e atenção, sem deixar de levar em consideração as especificidades de cada criança e respeitando o momento de aceitação e desenvolvimento de cada uma. Assim tivemos a compreensão de como se deu na turma do maternal “H”, turno matutino “os desafios e possibilidades vivenciados pela criança ao ingressar no maternal da Educação Infantil”.

CAPÍTULO 1 – CRIANÇA E INFÂNCIA

A criança era vista com pouca importância, tanto que no século XVI, o alto índice de mortalidade infantil era muito alto, por esse motivo a família não se apegava tanto a criança, e esse alto índice de mortalidade era visto como algum comum. E a partir dos seus sete anos percebia que a criança havia passado do risco de morte, ela se tornava apta para ajudar na vida econômica de sua família, trabalhando como um adulto, tão pouco era valorizada, pois era notada com insignificância.

A infância era apenas uma fase sem importância, que não fazia sentido fixar na lembrança; no segundo, como o da criança morta, não se considerava que essa coisinha desaparecida tão cedo fosse digna de lembranças, elas morriam em grande número, a criança era tão insignificante, tal mal entrava na vida, que não se temia após a morte ela voltasse para importunar os vivos (ÁRIES, 2003, p.57).

Podemos então perceber, o quanto a criança era insignificante e era vista como um mal, que se temia que após a morte ela pudesse voltar para assombrar os vivos, percebeu também que não tinha um olhar para que houvesse uma valorização em relação a criança, e como vivia a criança sem um reconhecimento, é difícil pensar nesses sentimentos dados a criança, como era imposto a criança a se tornar um adulto, e assim era retratada a imagem da criança como um adulto. Como nos afirma Áries (2003, p.51); “até o fim do século XVIII, não existiam crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido”, se dava devido a esse valor que não era dado a criança e como era retratado nos quadros que eram pintados, onde as crianças apareciam como adultos em miniaturas, sem sua forma de criança, apenas enroladas em um pano, ou usavam roupas como se fossem adultos.

[...] a ideia de infância, como se pode concluir, não existiu sempre, e nem da mesma maneira. Ao contrário, ela apareceu com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na comunidade. (KRAMER, 2003, p.18).

Aos poucos a sociedade foi percebendo que a criança não poderia ser tratada como se fosse um adulto, que tão pouco era valorizada, mas não podemos esquecer que, para que a criança ganhasse de fato o valor para sociedade, passou um processo gradual e lento. Os avanços em relação a criança foram muitos, e com relação ao processo educacional não foi diferente, a educação infantil teve seu início de maneira sistemática e como todo processo teve lutas até conquistar a sua condição de direito no que diz respeito a creches e pré-escolas para atender criança fora de seu ambiente familiar. Trazendo a criança como um ser construtor social preparando a mesma para viver em sociedade e agirem como atores sociais.

As crianças já nascem inseridas em uma determinada cultura na qual vão desenvolver competências pessoais e adquirir conhecimentos prévios e historicamente definidores de um grupo social. Assim, os grupos infantis participam dessa recriação com suas atividades, com ressignificação de atividades, novo vocabulário, novos conhecimentos, novas regras, novos espaços e objetos possíveis, contribuindo para a contracorrente desde o berço (FRIEDMANN, 2012, p.23).

A criança sendo um ser social, precisa passar por esse processo de inserção no ambiente escolar, apesar de ser para criança um ambiente que traz uma série de sentimento de insegurança é um ambiente que propicia as mesmas condições para lidar com situações fora do ambiente familiar e sendo um ser social, faz parte de seu processo evolutivo vivenciar esses desafios e possibilidades diante desse processo de ingresso escolar.

1.1.1. Os primeiros atendimentos a criança

Com forte crescimento industrial, surge a preocupação onde deixar e com quem os filhos dos trabalhadores. Surgem as primeiras instituições com olhar assistencialista, com relação a educação fora do ambiente familiar, segundo Kramer (2003), as crianças eram atendidas basicamente por instituições de caráter médico, as iniciativas voltadas de fato a Educação ainda eram bem poucas.

Diversos órgãos oficiais voltados à assistência infantil foram criados, numa espécie de movimentação burocrática e administrativa. Uns eram ligados ao Ministério da Saúde, outros ao da Justiça e Negócios Interiores, passando mais tarde ao da previdência e Assistência Social, alguns ao da Educação, e outros, ainda à iniciativa privada (KRAMER, 2003, p. 62).

Com caráter ainda assistencialista, foram vários os olhares em relação à criança. Kuhlmann Jr. (1998), ressalta olhares voltados a criança, quando a criança era vista como “coitada” que precisava de acolhimento, suas necessidades apenas seriam, comida, bebida e

abrigo, ou seja, de sobrevivência. Em outro momento a criança era vista em situação de perigo, onde precisava guardá-la, tirando do estado de vulnerabilidade, para que mais tarde não tornasse um mal a sociedade, então era preciso discipliná-la, ensinando bons modos. Em outro a criança foi vista como ser imaturo, a ela era dado os cuidados assistencialista, precisava moldá-la, dando carinho, atenção e proteção. Mas olhar a criança apenas desse modo não foi suficiente, a criança precisava ser vista como um ser de direito, precisava ver a criança em desenvolvimento pleno, e começam os olhares não apenas de cuidar, mas também o de educar.

A criação de creches em indústrias, destinadas aos filhos de operários no Rio de Janeiro e São Paulo mobilizou um debate importante acerca de sua necessidade, orientado por uma controvérsia que envolveu educadores e políticos. Alguns destes defendiam a creche como um recurso necessário para atender a mão de obra feminina que se incorporava ao trabalho operário nas indústrias ou no trabalho doméstico para as elites (SOUZA, 2007, p. 18).

O atendimento à criança não poderia ser apenas assistencialista, as creches inicialmente eram destinadas aos filhos dos trabalhadores que precisavam trabalhar nas indústrias enquanto seus filhos eram atendidos nas creches, para os filhos dos ricos era destinada com caráter educacional a pré-escola, inspirado na proposta de Froebel. Mas de fato muito precisava ser feito, de acordo com Seabra e Sousa *apud* Andrade (2016), para que de fato a criança e olhares a ela fossem de fato de direito, ainda eram pouco. Enquanto os movimentos operários reivindicavam por melhores condições de trabalho e locais para atenderem seus filhos, enquanto cumpriam suas jornadas de trabalho, além do aumento da entrada de mulheres nas indústrias, contribuíram para que houvesse uma demanda no atendimento a criança em relação à Educação Infantil.

1.2 Educação Infantil: escola para crianças pequenas

O atendimento a criança deixa de ser apenas um atendimento assistencialista. A Educação Infantil é voltada para o atendimento a criança no espaço educacional escolar, muitos foram os avanços para que de fato fosse de direito o atendimento da criança fora do ambiente familiar, não apenas como atendimento de cuidados, mas de educar, conforme a Constituição de 1988 na qual garante a criança o direito a educação, sendo dever do Estado, de acordo com a LDB, “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos

físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (LDB 9394/96, art. 29).

Agora a criança é de fato um ser de direito, a ela é dado o direito do seu desenvolvimento integral, dentro do espaço escolar, determinando como dever do Estado a educação às crianças de zero a cinco anos garantir o atendimento em creche e pré-escola. Outras leis e documentos oficiais foram criados com intuito de nortear às políticas de atendimento as crianças tanto no sistema educacional, quanto fora dele.

[...] estabelecendo o direito à educação da criança pequena; o Estatuto da criança e do Adolescente de 1990 (ECA) que ratificou em seu artigo 54, inciso IV, como dever do Estado assegurar o atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a cinco anos; e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de nº 9.394 de 1996 que confirma em seu artigo 4º, inciso IV, novamente, que o atendimento gratuito em creche e pré-escola é um dever do Estado, estabelecendo também em seu artigo 11, inciso V, que o atendimento a essa faixa etária está sob incumbência dos municípios, determinando que todas as instituições de Educação Infantil, públicas e privadas, estejam inseridas no sistema de ensino (AHMAD *apud* OLIVEIRA, 2016, p. 10).

Tais documentos e leis surgem com o propósito de auxiliar as instituições de ensino e os direitos das crianças, que deixa de ser apenas assistencialistas, outros documentos surgem como documentos de base aos trabalhos e reflexão, não sendo documentos obrigatórios a ser seguidos como as Diretrizes.

1.2.1 Adaptação na inserção da Educação Infantil

A inserção da criança na Educação Infantil pode ser para muitas, cheio de ansiedade e insegurança. Afastar-se da família, do aconchego do lar e enfrentar o desconhecido, não é tarefa fácil na vida de qualquer criança. A inserção na Educação Infantil e na vida escolar representa um grande passo em direção a independência, requer da criança um período de tempo para adaptar-se a um novo ambiente. O processo de adaptação, portanto, inicia com o nascimento, nos acompanha no decorrer de toda a vida e ressurge a cada nova situação que vivenciamos.

Inserção, ingresso, acolhida, não é uma questão de adaptação no sentido de modulação, que considera a criança como um sujeito passivo que se submete, se acomoda se enquadra a uma da situação. É um momento fundamental e delicado que não pode ser considerado como simples aceitação de um ambiente desconhecido e de separação da mãe ou de uma figura familiar, ou de fazer a criança parar de chorar (STRENZEL, 2001, p.3).

É desafiador para criança, adaptar no sentido de ser “obrigada” a aceitar o desconhecido, é preciso entender que adaptação é um processo envolvido de sentimentos. Ao ingressar na Educação Infantil é importante que a criança seja acolhida por um professor preparado para fazer desse processo menos doloroso possível, facilitar para que a criança venha superar seus desafios e não simplesmente impor a criança a aceitar esse momento.

Segundo Machado (1991), adaptar quer dizer superar diferentes estágios, entre eles, enfrentar o afastamento por um período de tempo de seus pais ou responsáveis. Adaptar-se não é algo fácil para criança que do nada é afastada da sua família, mesmo que seja por um curto período, algumas crianças conseguem lidar com essa situação, mas outras podem levar um tempo para aceitar e superar esse processo. Primeiramente o contato com o professor, com as demais crianças, e com o espaço, sem dúvidas a criança passa por um processo de aceitação que aos poucos ela vai aprendendo a conviver com então desconhecido, adaptar-se não pode ser visto como uma simples forma de aceitar o que é imposto.

Se assim fosse muitas crianças não apresentariam reações de resistência ao interagir com a nova realidade. As reações que acontecem no processo de adaptação das crianças no ingresso da pré-escola, quando a criança chora, grita, bate, entre outras reações, vem afirmar que são indicadores que algumas crianças revelam ao enfrentar os primeiros dias na escola. (RAPOPORT, 2005)

O choro é uma das reações visíveis que podem ser observadas nesse primeiro momento da criança com o ambiente escolar, é uma forma da criança não aceitar essa nova realidade que é imposta. Muitas crianças não conseguem de imediato se adaptar, para elas é difícil aceitar esse primeiro momento longe do aconchego familiar e entender que é apenas um lugar que ela tem que passar algumas horas e que voltará para sua casa, o processo de adaptação se torna difícil pela própria família, que não consegue lidar com as reações da criança (RAPOPORT, 2005).

O ingresso da criança na pré-escola, ao mesmo tempo em que é desafiador é propício de possibilidades, é momento de desenvolvimento e autonomia, que estão entrelaçados junto à criança, educador e a família, que nesse momento irá ajudar a criança, passando segurança, para que as mesmas possam superar seus medos e desafios. Não podemos pensar em adaptação com o sentido aceitação, a adaptação requer em sua maioria de um período de tempo, é cheio de desafios, que podem ser apenas nos primeiros dias ou até semanas, são inúmeros os fatores que interferem nesse processo.

A criança é um ser social, faz parte de uma cultura, faz parte de contexto social, a escola é apenas mais uma das etapas na vida da criança, onde a mesma vivenciará o contato social fora do ambiente familiar. A escola se torna base para as interações sociais.

A vivência familiar é insubstituível. No entanto, a possibilidade de ampliar essa vivência entre outras crianças, desde que num ambiente propício, com adultos qualificados e uma metodologia que leve em conta suas necessidades e características, favorece e enriquece seu desenvolvimento desde que nasce, e isto só é possível numa instituição voltada para fim. Escola e família não se excluem se completam (MACHADO, 1991, p. 19).

Portanto, a vivência com a família, sem dúvida alguma é de grande importância nos primeiros contatos com a criança, mas essas interações precisam ir além, é exatamente na inserção na pré-escola que muitas crianças têm o primeiro contato como ambiente fora do familiar. Esse contato precisa ser para criança em processo de adaptação não somente de medos e inseguranças, mas cheios de possibilidades, um ambiente acolhedor, onde a criança se sinta amada e respeitada, levando em consideração que adaptar-se, não pode ser imposto para criança, mas que no decorrer do processo ela possa superar as dificuldades ali encontradas, assim respeitando o seu tempo e suas particularidades.

1.2.2A socialização no processo de adaptação na pré-escola

É a partir das trocas entre o meio e o sujeito que se constroem o aprender e o conhecer, as crianças não são apenas receptoras, as crianças são capazes de aprender.

Por muito tempo a criança foi vista como um ser incapaz, que precisava apenas de cuidados, essa visão de criança passou por inúmeras transformações e hoje não podemos deixar de olhar a criança como um ser capaz que cria e recria, é através das interações com o meio, com o outro a criança se desenvolve.

Através com o contato com seu próprio corpo, com as coisas do seu ambiente, bem como através da interação com outras crianças e adultos, as crianças vão desenvolvendo a capacidade afetiva, a sensibilidade e a auto-estima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem. A articulação entre os diferentes níveis de desenvolvimento (motor, afetivo e cognitivo) não se dá de forma isolada, mas sim de forma simultânea e integrada (FELIPE, 1996, p.27).

A criança é um ser social, ela constrói, o seu desenvolvimento acontece a partir das interações com o outro, que nos primeiros momentos de suas vidas são seus pais ou pessoas

que estão por perto, é uma construção de aprendizagens numa relação de carregada de sentimentos.

Quando a criança entra na pré-escola, o professor torna um mediador dessa aprendizagem, juntamente com as outras crianças. Para Wallon *apud* Felipe (1996), o desenvolvimento infantil está voltado para a afetividade, motricidade e inteligência. A criança no momento em que se relaciona com o outro, ela constrói uma relação que envolve não só novas aprendizagens, mas se constrói uma relação de sentimentos. O professor tem um papel fundamental na vida da criança que chega à pré-escola.

O âmbito de Formação Pessoal e Social refere-se às experiências que favorecem, prioritariamente, a construção do sujeito. Está organizado de forma a explicitar as complexas questões que envolvem o desenvolvimento de capacidades de natureza global e afetiva das crianças, seus esquemas simbólicos de interação com os outros e com o meio, assim como a relação consigo mesmas. O trabalho com este âmbito pretende que as instituições possam oferecer condições para que as crianças aprendam a conviver, a ser e a estar com os outros e consigo mesmas em uma atitude básica de aceitação, de respeito e de confiança. Este âmbito abarca um eixo de trabalho denominado Identidade e autonomia (RCNEI v. 01, p.46).

É importante esse laço que a criança cria após adentrar o ambiente escolar, surge inúmeras possibilidades, ao mesmo tempo em que a criança aprende a conviver com outras crianças, cria sua personalidade. Vygotsky *apud* Rego (2011), enfatiza que a criança interage com o outro e com o meio, propiciando oportunidades para que se construa novos conhecimentos.

Assim, a interação torna-se importante nesse processo de inserção e o professor passa a ser o mediador na construção do conhecimento, dando condições para que as mesmas possam criar sua identidade, aprendendo consigo mesma, com os outros e tendo influência do meio, a socialização torna-se importante como um instrumento facilitador da criança com o meio e com os pares, favorecendo o processo de adaptação.

1.30 desafio da criança, dos pais e professores no ingresso da criança na vida escolar

O ingresso da criança na Educação Infantil é um momento de afastamento familiar, ao mesmo tempo em que é cheio de possibilidades, é desafiador, afeta todos os envolvidos nesse processo de inserção da criança na Educação Infantil. Exige um período de adaptação não somente da criança que é principal afetada nesse processo, mas das famílias que tem toda uma trajetória de vida, socialização e afetividade com a criança, assim como o professor que terá

que conviver com crianças que não tem nenhum contato, tendo que estar preparado para receber as diversas crianças que ingressarão pela primeira vez no ambiente escolar.

Determinados aspectos que fazem parte do cotidiano da escola infantil podem influenciar de maneira importante o desenvolvimento das crianças. Muitas vezes estes aspectos, tais como a adaptação à escola, a alimentação, a troca de fraldas, os momentos de sono, entre outros, passam despercebidos ou se constituem em práticas pouco discutidas no dia-a-dia das pessoas que lidam diretamente com a educação de crianças pequenas (CRAIDY e KAERCHER, 2001, p. 32).

As crianças que ingressam na Educação Infantil não têm na sua maioria dependência para desenvolver algumas atividades, precisando diretamente da ajuda de alguém para executar as atividades que ajudem no seu desenvolvimento integral.

Nessa etapa da Educação Infantil a criança que ingressa no maternal traz de casa uma rotina, cada criança tem sua particularidade, o professor precisa estar preparado para lidar com as inúmeras situações, no que refere ao desenvolvimento físico, social e biológico, pois é comum ver nessa fase criança ainda usando fraldas, chupetas, crianças chorando pela falta da família, entre outros fatores que acompanham a criança na inserção na Educação Infantil.

O professor é de suma importância nesse momento na vida da criança, precisa estar seguro de suas atitudes, passando essa segurança para as crianças, para que elas venham vencer esses desafios e se desenvolver integralmente. São desafios vivenciados não somente pelo professor, mas pela criança que participa diretamente desse processo de inserção e adaptação junto ao professor.

Fazem parte desse processo os pais, que na sua maioria tem seus desafios quando seu filho tem o primeiro contato fora de casa, é momento de insegurança assim como é para muitas crianças.

O distanciamento da família por longas horas do dia e a inserção em um novo ambiente, com rotinas específicas, exigirão da criança uma grande capacidade de adaptação. No entanto, este aspecto não diz respeito apenas à criança, mas exige de sua família e também dos/as profissionais que atuam na escola infantil um processo de adaptação (CRAIDY e KAERCHER, 2001, p. 32).

A superproteção de alguns pais acaba sendo um dos desafios enfrentados pelas famílias, o medo do desconhecido também traz inseguranças para as famílias, que muitas vezes tem o filho dependente para fazer algumas atividades, como se alimentar, ir ao banheiro sozinho. Um dos fatores visíveis nesse afastamento da família é o choro quando os pais deixam a criança na escola, as crianças ainda em processo de adaptação, choram pela falta dos

pais. Nesse momento é fundamental a parceria de pais e escola para que juntamente ultrapassem da melhor forma esses desafios.

[...] os responsáveis pela criança devem ser sempre informados sobre tudo o que ocorrer com ela durante o período em que estiver na instituição, bem como a forma de trabalho e a proposta pedagógica que é ali desenvolvida. Algumas creches e pré-escolas procuram manter esse diálogo através de agendas ou cadernetas onde são anotadas as informações referentes aquele dia na instituição (se a criança comeu ou dormiu bem, se caiu ou foi mordida por algum colega [...])(CRAIDY e KAERCHER, 2001, p. 32).

É preciso essa parceria, um diálogo principalmente entre os pais e professores que estarão diretamente com as crianças, passando segurança para os pais, que aquele espaço é seguro para a criança, o trabalho pedagógico deve ser planejado de forma que alcance as particularidades de cada criança. Assim esse trabalho será conquistado à medida que a criança vai se adaptando ao ambiente, e na medida em que ela vai se desenvolvendo, é claro que são crianças diferentes vindas de famílias diferentes, da mesma forma será o desenvolvimento, para algumas, esse processo pode ser que seja vencido num curto período de tempo, para outras pode ser gradual e lento.

1.3.1 O educador de crianças pequenas

Na Educação Infantil, o profissional precisa estar preparado para atuar nessa etapa de ensino. Precisa ter graduação em Licenciatura, de acordo com o RCNEI:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal (RCNEI, v. 01, p.39).

O professor precisa estar preparado para atuar com crianças, precisa passar por essa formação de licenciatura, em especial para trabalhar na Educação Infantil deveria trabalhar apenas o profissional que tem graduação em Licenciatura em Pedagogia, que no período de 04(quatro) anos e meio se qualifica especificamente nessa etapa de ensino, tendo uma formação para atuar com as crianças pequenas.

Na sua maioria são crianças que necessitam de um educador preparado, pois quando a criança ingressa na Educação Infantil, tem dependência, precisando diretamente dos cuidados

do professor que irá atuar com ela, ajudando no seu desenvolvimento integral, a ele é dado o papel de educar e cuidar.

Embora não existam informações abrangentes sobre os profissionais que atuam diretamente com as crianças nas creches e pré-escolas do país, vários estudos têm mostrado que muitos destes profissionais ainda não têm formação adequada, recebem remuneração baixa e trabalham sob condições bastante precárias. Se na pré-escola, constata-se, ainda hoje, uma pequena parcela de profissionais considerados leigos, nas creches ainda é significativo o número de profissionais sem formação escolar mínima cuja denominação é variada: berçarista, auxiliar de desenvolvimento infantil, babá, pajem, monitor, recreacionista etc (RCNEI, v 01, p.39).

Em algumas instituições de Educação Infantil o educador, não tem formação específica para atuar na área, ou é visto um profissional que tem formação em outra área de educação e atua nessa etapa de ensino, esta licenciada, mas não tem em uma formação ampla para exercer com a criança o seu desenvolvimento integral como manda a lei. Craidy e Kaercher (2001) ressaltam a importância que o tem o educador de crianças pequenas, destaca o papel do adulto frente ao desenvolvimento da criança, proporcionando as mesmas experiências diversificadas e enriquecedoras, onde as crianças desenvolvam suas capacidades e autoestima, o professor tem um papel fundamental nessa autoconfiança, passando segurança e dando condições para a construção desenvolvimento.

Os/as profissionais das escolas infantis precisam manter um comportamento ético para com as crianças, não permitindo que estas sejam expostas ao ridículo ou que passem por situações constrangedoras. Alguns adultos, na tentativa de fazer com as crianças sejam obedientes, deflagram nelas sentimento de insegurança e desamparo, fazendo-as se sentirem temerosas de perder o afeto, a proteção e a confiança dos adultos (CRAIDY e KAERCHER, 2001, p.31).

Ser educador de crianças pequenas não é tarefa fácil, nesse momento a criança estar tendo sua primeira experiência fora do ambiente familiar, para ela é de suma importância ser recebida por uma pessoa que além de educar e propiciar conhecimentos, vai estar disposto a entender, respeitar, não colocando em situações de constrangimento. O educador vai compreender as etapas do desenvolvimento e respeitar cada uma delas, essa relação de educador e crianças pequenas requer uma relação somente de professor e aluno, mas principalmente uma relação de afetividade, segundo Wallon *apud* Craidy e Kaercher (2001), ocorre a construção da consciência de si, através de interações sociais, dirigindo o interesse da criança para as pessoas, prevalece relações afetivas.

Estar junto, construir junto mas também ter consciência de sua presença como responsável por seu grupo, desenvolver vínculos afetivos, respeito mútuo, lutar contra a estigmatização, descobrir em cada criança seus pontos positivos e dificuldades a superar são procedimentos esperados do professor “ideal” (MACHADO, 1991, p. 52).

Em primeiro lugar o educador precisa gostar do que faz, e fazer da melhor forma possível, caso contrário suas ações negativas podem causar problemas na vida das crianças, não precisa deixar a criança fazer o que quer, fazendo o papel da professora boazinha, mas estar preparada para lidar com as diversas situações que aparecem no dia-a-dia- do fazer docente, principalmente com as crianças pequenas.

Dessa forma, o educador deve criar possibilidades para que a criança tenha seu desenvolvimento integral garantido, apropriando-se de certos valores, regras que ajudarão a criança na construção de sua própria identidade, através da prática e do fazer pedagógico desenvolvido dia-a-dia com as crianças pequenas.

1.3.2 A rotina das crianças na Educação Infantil.

O trabalho na Educação Infantil é voltado através da rotina, Costa (2015), considera que a rotina é um elemento importante o qual desenvolve a autonomia da criança, mas que precisa ser pensado e organizado.

Quando as crianças ingressam no ambiente escolar, passam a fazer parte do ambiente. A rotina não pode ser planejada para se ter crianças ocupadas e quietas, mas como possibilidade de desenvolvimento, interação com o educador e outras crianças, além de ser uma das estratégias facilitadoras para contribuir no processo de adaptação das crianças.

A rotina na educação infantil pode ser facilitadora ou cerceadora dos processos de desenvolvimento, aprendizagem e no processo de adaptação, rotinas rígidas e inflexíveis desconsideram a criança, que precisa adaptar-se processualmente a ela e não o contrário.

O tempo em que as crianças passam na pré-escola é organizado através da rotina, que deve ser para criança momento de aprendizagem, onde serão desenvolvidas diversas atividades, essas atividades devem ser planejadas não somente como organização de tempo, mas para momento de desenvolvimento e aprendizagem, que seja prazeroso.

A ideia central é que as atividades planejadas diariamente devem contar com a participação ativa das crianças garantindo às mesmas a construção das noções de tempo e espaço, possibilitando-lhes a compreensão do modo como as situações sociais são organizadas e, sobretudo, permitindo ricas e variadas interações sociais (CRAIDY e KAERCHER ,2001, p. 67-68).

Esse momento é propício para aquisição de conhecimento e interação, onde começa desde a chegada da criança até o a hora de voltar para casa, nesse momento a criança aprende músicas destinada a criança e que são cantadas na Educação Infantil, exercitam a oralidade e interagem entre si. Algumas músicas são destinadas para fazeres como hora da merenda, hora da chegada, trabalhando os cartazes, hora das atividades, do brinquedo etc.

As atividades repetitivas diariamente instituídas tanto para as crianças como para os adultos uma regularidade. As atitudes formais auxiliam a construção da pertinência a um grupo social organizado a partir de regras específicas. Fazem parte desse momento rituais: a entrada (com cantos e saudações); o repouso; o recreio; a refeição; os pensamentos; méritos e cantos de despedida; e a saída (KUHLMANN JR, 1998, p.121).

Assim, é importante planejar a rotina como uma prática pedagógica elaborada principalmente pensada na criança, pois a mesma já traz consigo uma rotina de casa, para ela esse novo ambiente já é cheio de insegurança, esse momento deve ser prazeroso, cheio de perspectiva, onde ela possa se apropriar de conhecimentos, regras, que possam facilitar simultaneamente no processo de adaptação, ou seja, sendo prazeroso.

CAPÍTULO 2– PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O ingresso da criança na Educação Infantil representa um grande passo em direção a independência, sendo um passo importante para o seu desenvolvimento enquanto ser social, vivenciar outras experiências sociais fora do ambiente familiar, mas para muitas crianças, talvez essa não seja tarefa fácil de aceitação, pois para a criança não é dada uma opção de ingressar ou não na educação infantil, vemos como algo obrigatório, mas como acontece esse ingresso e quais condições são dadas à criança para que ela possa vivenciar esse processo menos doloroso possível? De que forma acontece o ingresso, seus desafios e possibilidades vivenciados pela criança ao ingressar no maternal da Educação Infantil.

Nesse contexto a pesquisa foi desenvolvida no Centro Educacional Infantil Jaime Lobato da rede pública de ensino, localizado na Rua Ruy Correa, s/n, Paulo Correa, CEP 69.152 – 063, zona Sul da cidade conhecida como Rua 11. A escolha do CEI se deu pelo grau de interação com o centro a partir do estágio I, onde tivemos uma maior aproximação com o contexto da pesquisa, foi de fundamental importância esse grau de estreitamento entre nós pesquisadores com o lócus pesquisado, especificamente o maternal, onde encontramos crianças que vivenciam esse primeiro contato com a pré - escola, visto que são crianças de 03 (três) anos que ingressaram pela primeira vez na escola, foram atores fundamentais para a observação e para o andamento da pesquisa.

O trabalho segue a natureza Qualitativa, por entender que nem tudo pode ser traduzido em números, permitindo assim um olhar enquanto pesquisador.

[...] a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação, dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito [...]. (CHIZZOTTI, 2006, p.79):

Entendemos que a pesquisa qualitativa nos ajudou a fazer uma análise mais aprofundada sobre a temática, buscamos assim uma compreensão interpretação de determinados comportamentos, assim não tínhamos o intuito de obter números como resultados.

Nesse sentido para a pesquisa tomou como ponto de partida o método de abordagem fenomenológica, visto que, se buscou interpretar os dados coletados. Para Fazenda (2010, p.63), “o método fenomenológico não se limita a uma descrição passiva é simultaneamente tarefa de interpretação [...]”, isto é, da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e

interpretação. Buscamos compreender de fato o que não estava exposto, entender quais aspectos causavam tais inquietações que aparentemente pareciam ser tão óbvias, precisávamos ir além dos fatos, entender quais motivos causavam nas crianças o choro, agressão, por outro lado ver crianças bem familiarizadas com o novo ambiente, sem expressar algum tipo de inquietação.

Os sujeitos da pesquisa são 18 (dezoito) crianças que ingressaram no ano de 2018 na Educação Infantil especialmente no Maternal, sendo 05 (cinco) meninas e 13 (meninos), são crianças que pela primeira vez ingressam na escola, com idade 3 (três) anos foram sujeitos principais da nossa pesquisa que é exatamente essa observação de como acontece esse primeiro contato fora do ambiente familiar. Trouxemos as falas de algumas crianças para a nossa pesquisa, quais foram dados nomes fictícios, preservando suas identidades.

O investigador social deverá ser sensível e atento relativamente à vulnerabilidade dos sujeitos envolvidos na investigação e no caso de investigação com crianças tal percepção deverá estar mais presente devido a relações de poder que inevitavelmente se apresentam (SOARES 2006, p.35).

Assim, para as crianças as quais trouxemos suas falas e vivências na pesquisa, optamos por dar nomes fictícios, como Maria, Luiza, José, Lucas, Alice para preservar de certa forma suas identidades, garantindo que as mesmas não sofram prejuízos ao participar na pesquisa.

São crianças oriundas dos bairros adjacentes, crianças que são curiosas, mas que no primeiro contato não interagem entre si, com o tempo e a convivência foram criados laços de aproximação a partir das atividades executadas, no brincar, na hora da merenda e das atividades rotineiras que faziam parte do andamento da escola.

Nosso olhar foi exatamente perceber como esse contato acontecia desde os primeiros momentos e como se dava esse processo de adaptar em um contexto novo. A professora titular da turma, que atua na área a 11(onze) anos, a mesma é efetiva do município e trabalha apenas em um turno, graduada em Pedagogia, sempre atuou na turma de maternal, fez parte importante da pesquisa por nos permitir que estivéssemos diretamente em um longo período observando a turma.

A atenção que era dada da professora para com as crianças se tornou necessário para uma adaptação e foi uma das observações feitas, quando as crianças chegavam com suas inseguranças a professora de forma bem espontânea conseguiu atingir a todas, dando atenção

que as crianças precisavam. Além da auxiliar docente, que pela primeira vez trabalha no CEI, atua em outra escola da rede municipal como AEE e também é graduada em pedagogia.

Como método de procedimento utilizamos, a observação participante, como técnicas de pesquisa utilizamos, a entrevista semiestruturada e o questionário aberto, além do caderno de campo, celular que nos serviram como suportes para que tivéssemos respaldo significativo para a eficácia da pesquisa. Segundo André (1995), a observação participante é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador ter um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado.

Dessa forma foi importante, pois estávamos sempre em um grau de interação com as crianças, fazendo de certa forma parte daquele contexto e tendo uma relação de proximidade com elas, assim percebendo as diversas manifestações expostas pelas crianças, o choro, a raiva, a agressividade, buscamos identificar quais fatores influenciavam no comportamento da criança para que ela reagisse de tal forma, foi um trabalho que precisou ir além dos fatos ali expostos.

Diante disso foi necessária a entrevista semiestruturada de acordo com Triviños (2015), ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece a liberdade para o informante, enriquecendo a investigação, com a finalidade de aprofundar as questões a esclarecer os problemas observados. Foi necessária a entrevista semiestruturada com os pais ou responsáveis, onde procuramos saber suas inquietações, foram feitas perguntas relacionadas a criança, seu comportamento e como aconteceu o processo de ingresso da criança na pré-escola.

As entrevistas foram feitas aproveitando a oportunidade em que ocorreu uma reunião, nesse mesmo dia foi dado o termo de consentimento, onde pedimos a autorização para que a criança pudesse fazer parte da nossa pesquisa, respeitando o posicionamento tanto dos pais como das crianças que muitas vezes não queriam participar, responder ou tirar fotos. Nesse sentido durante a pesquisa buscamos documentos como o RCNEI entre outras fontes no sentido de contextualizar o fenômeno, explicitar suas vinculações mais profundas e completar as informações coletadas através de informações importantes que nos ajudaram a nortear a pesquisa.

Segundo Fonseca (2009), o questionário possibilita fazer mensurações com melhor exatidão o que se deseja, e ainda o questionário pode ser composto de perguntas abertas dando mais liberdade de resposta. Nesse sentido aplicamos um questionário direcionado à professora, buscando obter respostas a respeito de sua formação e tempo de atuação, para que viéssemos compreender alguns aspectos que estavam diretamente ligados a esse processo de

adaptação. Outro questionário foi direcionado ao coordenador onde foram direcionadas perguntas relacionadas a como a escola se organizava em torno do início do ano letivo e como a criança e pais são envolvidos nesse processo de adaptação e de que forma acontece a organização para o ingresso das crianças no espaço escolar.

CAPÍTULO 3 –ANÁLISE DE DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Quando uma criança inicia sua vida escolar, especificamente no maternal, encontram um mundo novo, novas experiências. O ingresso da criança no maternal da Educação Infantil pode ser de ansiedade tanto para elas, para seus pais e professor, dependendo de cada criança as reações podem ser diferentes, tanto em relação às manifestações emocionais, sociais, quanto ao tempo necessário para superar o processo de adaptação, pois o que é novo traz inquietações até mesmo para nós adultos que sabemos lidar com inúmeras situações.

3.1 É hora de ir para escola: mamãe vai, mas a mamãe volta

É hora de ir para escola, as crianças começam a chegar no seu primeiro dia de aula, algumas com seus responsáveis outras com irmão ou irmã à espera do sinal para que pudessem adentrar a escola. Foi notório ver algumas crianças apreensivas, algumas chorando, presas firmemente nas pernas dos responsáveis, outras com um olhar firme em direção do espaço da escola especificamente atraídas pelo parque que faz parte do ambiente.

É dada a ordem para a entrada e as crianças são conduzidas por seus responsáveis para suas respectivas salas, observamos que para muitas crianças esse momento não foi tão agradável, ao entrar na sala teve desespero, gritos, choros por parte de algumas crianças enquanto outras, embora apreensivas, apenas observavam o movimento de vai e vem de pessoas ao som dos gritos e apelos das outras.

A professora já os esperava com seu notebook preparado com vídeos de clipes musicais infantis, dessa forma as crianças chegavam e seus olhares eram atraídos pelo colorido e pelos movimentos de som e imagem do vídeo, estrategicamente planejado para esta finalidade. Nem toda criança agia da mesma forma, os choros e gritos se alternavam com as músicas do vídeo e, nessa ocasião, a habilidade da professora em lidar com esse momento de caos nos pareceu vencer.

[...] a individualidade de cada uma é respeitada e a diferença entre elas é reconhecida como boa e desejável. Ele lhes comunica isso por atos e palavras, evitando tratá-las segundo um modelo único de expectativas ou comparar seus desempenhos. Não estabelece relações indiferenciadas com a criança, mas ajuda a superar sensações de abandono e adquirir confiança (OLIVEIRA, 2002, p. 206).

Nesse momento a professora se mostrou firme para transmitir segurança para as crianças e para seus responsáveis. O colo da professora serviu de consolo para as crianças que

por ali choravam desesperadamente. No semblante do responsável a insegurança em ver seu filho chorando, ouvindo o pedindo para não o deixar sozinho.

Nas creches e pré-escolas, esse parceiro das crianças em seu processo de desenvolvimento é o professor. Sua função é a de ser uma pessoa verdadeira, que se relacione afetivamente com a criança, garantindo-lhe a expressão de si, visto que ela precisa de alguém que acolha suas emoções, e assim, lhe permita estruturar seu pensamento (OLIVEIRA, 2002, p.203).

Entre a chegada e saída dos responsáveis que durou quase 01 (uma) hora, tempo dedicado a essa recepção, somente depois desse momento, a professora enfim ficou sozinha em sala com as crianças para dar seguimento às atividades planejadas. A partir de então ela se apresentou e teve a primeira conversa com as crianças. A professora se mostrou atenciosa, com a voz suave, falou seu nome e conseguiu tirar algumas palavras das crianças.

As crianças se mostravam ainda tímidas, e apenas duas delas choravam bem baixinho entre um soluço e outro. Em meio às inseguranças das crianças a professora conseguia suprir por alguns momentos a falta da mãe e naquele momento foi importante, parar e ouvir as crianças, assim de certa forma se sentiam acolhidas e amadas naquele ambiente. Percebemos que o que elas queriam era atenção para falar de suas inquietações, medos e frustrações, tanto que entre um momento e outro uma delas vinha timidamente e dizia: “*professora o meu pai já vem*”? Pergunta essa que se repetiu durante toda a manhã enquanto ficou na escola.

A professora, com firmeza e doçura assegura: “*Já! Mais um pouquinho e seu pai chega para pegar você*”. Quanto a isso Oliveira(2002), destaca que o professor precisa ajudar a criança a superar ansiedade da separação e outros conflitos cuja resolução é necessária para aumentar-lhe a iniciativa e a confiança no mundo fora da família.

A turma era maternal, ou seja, crianças de 03 (três) anos e, nesse caso a presença de um professor auxiliar é fundamental para dar apoio ao professor, em razão das adversidades que permeiam o primeiro dia de aula de crianças pequenas. Como a mesma não teve durante um mês a presença do auxiliar docente, fomos importantes nesse processo, pois ajudamos a professora, visto que, nos serviu como ponto positivo enquanto observadores participantes criamos laços desde os primeiros momentos com as crianças.

O pesquisador não se transforma em mero relator passivo sua imersão no cotidiano, a familiarização com os acontecimentos diários e a percepção das concepções que embasam práticas e costumes supõem que os sujeitos da pesquisa tem representações, parciais e incompletas, mas construídas com relativa coerência em relação à sua visão e à sua experiência (CHIZZOTTI, 2012, p. 49).

Foi perceptível ver como a professora teve dificuldades, devido a SEMED (Secretaria Municipal de Educação) ainda não ter enviado um auxiliar. As questões que envolvem as políticas de educação voltadas para a criança pequena, ainda são permeadas pelo estigma da “pouca importância”, pois as prioridades geralmente recaem sobre os estudos posteriores à E.I, essa pouca importância vislumbra o quão estamos distantes da priorização de uma educação igualitária em que as crianças sejam de fato prioridade. Essa falta de atenção foi suprida, em certa parte pela habilidade da professora com sua experiência se mostrou firme e deu sequência em seu trabalho. Ela nos falou dos seus anseios:

Não sei o porquê o pessoal da SEMED não mandou um auxiliar, não sou só eu que estou sem, tu vê né como é o primeiro dia? As crianças choram, não querem ficar. Agora tu imagina, só eu para lidar com 22 crianças. Eu sempre trabalhei com o maternal e o auxiliar ajuda muito nesse momento (Professora, 2018).

Foi um momento bem complicado, pois 03 (três) crianças choravam e a professora conseguiu dar andamento na atividade, ao mesmo tempo em que atendia as especificidades daquelas que choravam e que demandavam maior atenção. Crady e Kaercher(2001) enfatizam que as crianças precisam de atenção, carinho e se sentir seguras, essa foi responsabilidade primordial da professora, que também teve seus medos e anseios, mas tinha que estar preparada para transmitir segurança e assim ganhar aos poucos a confiança, para que ela conseguisse desenvolver seu trabalho com êxito.

A primeira semana teve o tempo resumido para o horário da saída, pois o processo de adaptação das crianças é um percurso que se faz lentamente. Assim a escola se organiza para atendê-las em um tempo que vai se ampliando gradativamente. Esse processo se dá em razão da pouca familiaridade da criança com o ambiente que não é sua casa, a escola ainda é algo novo e que não pode se impor sobre a rotina que a criança já tinha estabelecida no âmbito familiar sob pena de uma ruptura brusca e desnecessária.

Assim as primeiras semanas foram apenas para conhecer a professora, os colegas e a escola, criar um clima de aconchego e uma relação de confiança entre a criança, o ambiente e os agentes que ali atuam. Por isso nessa primeira semana as aulas duraram apenas 02 (duas) horas. Nesta ocasião a timidez e a desconfiança reinam e as crianças se sentem desambientadas, o que as deixa insegura e exige que a escola promova essa inserção de maneira mais produtiva, conforme a (figura 01):



Figura 01: Primeiros contatos com a sala
Fonte: Moreno (2018).

Os primeiros contatos das crianças na escola foram inicialmente marcados por insegurança e medo, vimos algumas crianças bem tímidas e não se relacionavam com outras crianças, porém observamos crianças bem extrovertidas que se sentiam familiarizadas naquele espaço e não demonstraram dificuldades em se relacionar nesse novo espaço.

Na segunda semana em diante apenas 02 (duas) crianças choraram, não querendo ficar na sala. A professora conversou e falou para a criança que a mamãe/papai vai, mas ela volta, pediu para a criança sentar e falou: *“Olha ta passando um vídeo tão legal. Alguém sabe de quem é?”* *“É a galinha pintadinha”*, responde uma criança. Enquanto as outras firmavam seus olhares para o vídeo.

Essa interação com a professora e as outras crianças tornou-se um fator de grande relevância para que aos poucos cada criança se sentisse parte daquele ambiente e familiarizadas umas com as outras. Nicolau (2010) traz essa importância dessa troca de experiências junto com outras crianças e adulto é fundamental e ajuda no seu crescimento afetivo-social, assim as mesmas aprendem a conviver com o grupo social fora do ambiente familiar.

Com o passar do tempo ainda tinha crianças que entre um momento e outro chegavam sutilmente até nós e perguntavam: *“professora a minha mãe já vem?”* Percebemos que seu medo era que seus pais não voltassem para pegá-las e isso causava angústia, distraindo a atenção das atividades propostas pela professora para o fato de correrem o risco de não serem mais apanhadas por seus pais.

A estabilidade emocional da criança é fator fundamental no processo de inserção dela no cotidiano da escola. Se a rotina for planejada com eficácia, a criança logo encontrará apoio

emocional para permanecer e se assegurar que ao final da manhã alguém irá buscá-la. É nessa ocasião que estruturar uma rotina coerente com a realidade e o tempo da criança facilita sua aceitação desse novo espaço educativo, pois saber o que acontecerá durante o tempo em que ela permanecerá na escola é garantia de que ao final, ela retornará para casa.

Além disso, essa rotina deve estar claramente disponível para a criança a fim de que ela possa visualizar e se guiar por ela, daí a importância de expor a rotina em cartaz visivelmente acompanhado pelas crianças. Aqui o papel do professor é de guia, daquele que sabe para onde está indo e por quê. Com o passar da primeira semana, a professora vai dando mais ênfase e andamento nas atividades de ensino planejadas, afinal daquele momento em diante a escola será parte da vida das crianças.

Passado o momento crítico em que as crianças estão em fase de reconhecimento do ambiente, é hora de prover momentos mais sistemáticos de ensino e de construção de conhecimentos. Na hora da entrada para a sala de aula a professora recebe as crianças de forma carinhosa, ainda sem saber o nome de todos, dá um abraço, um bom dia e pede para cada criança sentar nas cadeiras que ficavam organizadas inicialmente em círculo, 02 (duas) crianças não querem ficar e choram, a professora fala para a mãe deixar que depois ela para. A professora se abaixa junto a criança, fala que a mamãe já volta e pede para a criança sentar na cadeirinha. A criança vai e senta, mas fica chorando baixinho, ao mesmo tempo que observa tudo na sala. Essa situação se repetiu por apenas 02 (duas) crianças que choraram.

A professora fala para as crianças: *“não é pra chorar aqui na escola não, aqui todo mundo é amiguinho”*. Uma das crianças fala: *“eu não choro né professora?”* A professora responde: *“muito bem! Você não chora porque você é uma mocinha”*.

A postura da professora é de afetividade, compreensão e não de autoritarismo. O gesto de se abaixar, de se colocar na mesma proporção que a criança revela uma intenção de cooperação, compreensão e de respeito à dor e sentimentos demonstrados, ou seja, a professora não ignora e nem menospreza os sentimentos que a criança enfrenta naquela ocasião. Como enfatiza Oliveira (2002, p. 124) *“O professor precisa ajudar a criança a superar a ansiedade da separação e outros conflitos cuja resolução é necessária para aumentar-lhe a iniciativa e a confiança no mundo fora do familiar”*.

Assim, a professora aproveita para falar dos combinados, dizendo que não pode chorar sem motivos, falou os demais combinados que estava no cartaz na sala e falou da rotina, que tem na escola, como hora de ir para o banheiro, a hora da merenda, hora das atividades e hora de brincar.

A rotina foi inserida aos poucos, logo no início das aulas era feita uma roda com as cadeirinhas e ali iniciava a conversa. A professora dava o bom dia, pedia para as crianças falarem bem alto, falava dos combinados explorando cada cartaz que tinha na parede da sala, como do tempo e o calendário, isso fazia parte da rotina das crianças. Esses momentos eram propícios para as crianças, onde elas conseguiam esquecer um pouco do pai, da mãe e prendiam suas atenções.

Depois desse primeiro momento chega hora de ir ao banheiro, eram feitas as filas, dos meninos e meninas e dirigiam-se para o banheiro. No banheiro entrava criança por criança para fazer suas necessidades, 02 (duas) crianças ainda faziam o uso de fraldas e não faziam suas necessidades no banheiro. Craidy e Kaercher (2001) enfatizam que uma das cobranças feita é esse controle que é cobrado pelo adulto, a hora certa de ir ao banheiro. Para algumas crianças essa não foi tarefa fácil, visto que para muitas não tem uma hora marcada para fazer as necessidades fisiológicas.

Assim, por duas vezes a criança Luiza03 (três) anos, fez xixi na sala, ficou bem quietinha e quando a professora perguntou o que tinha acontecido ela baixou a cabeça e começou a chorar. Esta criança nos primeiros dias de aula usava fraldas descartáveis para ir à escola, porém ficamos surpresas ao ouvir os relatos da mãe que dizia que ele não queria mais ir de fralda para a escola, pois os coleguinhas não usavam. A decisão que ele tomou foi acatada pela mãe e ela, mesmo correndo o risco de não aguentar, se lançou ao desafio de experimentar.

Ocorre que não saiu como o esperado, ele não conseguiu segurar o xixi ou ir ao banheiro antes, mas mesmo assim insistiu até que conseguiu estabelecer um vínculo de confiança e pedir à professora na hora certa, a partir de então foi suspenso o uso de fraldas em definitivo.

O processo de retirada de fraldas pode ser facilitado pela organização da rotina e do ambiente pelos professores e pela observação e imitação pela criança das outras crianças que vão ao sanitário ou que estão começando a utilizar o penico. A primeira condição para que os adultos iniciem esse processo com a criança é o respeito por sua vontade e a identificação de suas necessidades, tanto pelos familiares quanto pelo professor (RCNEI, v. 01, p. 41).

Nesse sentido, Luiza 03 (três) anos precisou desse momento de socialização com outras crianças para que a criança auto reconhecesse que a fralda naquele momento já não fazia parte dela.

Foi necessário um período de tempo para que a criança ganhasse confiança e autonomia para falar para a professora que queria fazer xixi. Importante ressaltar que por, mas que tivesse na rotina o horário para ir ao banheiro, sempre que alguma criança pedia para ir ao banheiro, a professora ou a auxiliar acompanhava. Craidy e Kaercher (2001), trazem essa importância de que não se deve estabelecer um horário rígido para controlar o cocô e xixi.

Assim as crianças que usavam fraldas aos poucos ganharam autonomia e com o passar de alguns dias já iam para a escola sem fraldas. Diante dos desafios vivenciados pelas crianças que usavam fraldas foi uma superação, quando íamos ao banheiro a criança não ficava intimidada, pois se igualava as outras, por fazer aquilo que o coleguinha fazia.

Outro momento importante e que também fazia parte da rotina das crianças era a hora da merenda, essa foi uma preocupação de alguns pais relatado na entrevista, pois algumas crianças não comiam todo tipo de alimento.

A professora fala para as crianças: *“Vamos lavar as mãozinhas? Vamos cantar a musiquinha da merendinha? Quem aqui come verdura? Quem quer ficar forte”*

Foi uma animação a hora da merenda, todas as crianças tiraram de suas bolsas o copo, somente Maria 03 (três) não tirou. A professora pergunta:

Professora: *cadê seu prato?*

Maria (3anos): *eu não gosto professora?*

Professora: *a merenda ta tão gostosinha, é mingau de arroz, você não quer?*

Maria (3anos): *a minha mãe colocou na minha bolsa o suco e a bolacha”*

Professora: *você tem que comer a merendinha da escola, olha todos os seus coleguinhos estão comendo a merendinha, ta tão gostosa”* (Diário de campo, 2018)

Uma das dificuldades das crianças foi a hora da merenda, onde nem todas as crianças gostavam de comer a merendinha que era dada na escola. Aquelas que levavam outro alimento comiam, as outras ficavam a manhã toda sem se alimentar até a hora da saída.

Observamos que algumas crianças não sabiam manusear sua colher, demonstrando dependência, algumas inclusive, queriam comer com as mãos. A criança Alice 03 (três) anos, levava sempre a mamadeira com o “gagau”. A professora: *“Por que você não quer a merendinha? Você já é uma mocinha e não pode mais usar a mamadeira, mamadeira é para bebê. Você ainda é bebê?”* A criança não falava nada, apenas olhava para a professora.

Os dias se passaram e ela continuava tomando o mingau na mamadeira, embora levasse prato, colher e copo na bolsa. Porém a professora insistentemente perguntava se ela queria o lanche servido na escola. Diante dessa atitude da professora de inúmeras tentativas de convencê-la a experimentar o lanche da escola, a criança resolveu colocar o prato na mesa e,

mesmo com a mamadeira na bolsa, ela decide comer a merenda como todos os colegas faziam. Craidy e Kaercher (2001), ressaltam a importância desses momentos tornam progressivamente a criança mais autônomas e ajudam nas decisões a partir da insistência e imitação dos colegas em querer trocar a mamadeira, em querer comer o lanche sozinha com as próprias mãos.

Diante dos desafios ali enfrentados por todos aqueles envolvidos no processo percebemos que tudo foi apenas questão de tempo, e assim, a adaptação de fazer parte daquele ambiente interagindo de forma positiva, nas atividades propostas pela professora, na hora “roda de conversa”, hora da merenda, nas atividades escritas, enfim as atividades de rotinas desenvolvidas no decorrer das aulas. Assim a sensação de estar no ambiente familiarizado transmite as crianças à segurança o que elas precisam para a permanência no espaço escolar.

A chegava do momento em que elas arrumavam as bolsas para esperar os pais, era momento de alegria, para eles o acordo foi cumprido, a mamãe vai, mas ela volta, enfim chegou a hora de voltar para o aconchego do lar.

3.2 Deixei a mamãe em casa seu amigo agora eu sou

A adaptação das crianças na educação infantil é um processo construído a cada dia. Desde os primeiros dias em que foi criada uma relação de aproximação entre a professora e as crianças, juntamente com os pais que foram partes envolvidas no processo, essa atitude de aproximação, embora seja tensa, parece ser decisiva no que se refere à construção dos laços de confiança entre a criança e o ambiente e dela com os colegas e professores. Nos primeiros dias foi notória a insegurança das crianças, dos responsáveis e da professora, o sentimento de desapego dos pais, a sensação de abandono por parte das crianças é um fenômeno que não pode ser menosprezado.

Se bem articulado e organizado esse momento “crítico” onde as emoções se misturam entre o contato com o novo ambiente e com novas pessoas, a criança pode respirar mais aliviada e aproveitar as oportunidades que esse novo aprendizado pode agregar. Assim, abrandado esse momento de tensão ela terá a serenidade para fazer novas amizades, experimentar outras formas de se relacionar e de aprender.

Depois de alguns dias, observamos que as crianças chegavam na escola mais alegres, conseguiam dizer *tchau* para o pai, para a mãe, sentindo segurança em abraçar a professora e nós que por ali estávamos depositando confiança e afeto.

Após a certeza de que a família virá buscar e que agora a professora e os colegas podem ser seus novos parceiros, é hora de se aventurar em outras relações, construir novas interações e aprendizados. Nessa ocasião a professora foi figura ou ponto principal de apego e apoio da criança e procura por meio das atividades propostas em sala de aula continuar o processo de desenvolvimento.

Percebemos que a hora da “rodinha” é momento em que a criança se reencontra com ela mesma, lá ela é instigada a falar de si, a ser ouvida e a ouvir sobre seus colegas. Esse foi um momento marcante na rotina onde a professora conversava com as crianças deixando-as livres para responder ou não, respeitando inclusive aquelas que ainda não se sentiam à vontade para falar ou para cantar.

O desenvolvimento da capacidade de se relacionar depende, entre outras coisas, de oportunidades de interação com crianças da mesma idade ou de idades diferentes em situações diversas. Cabe ao professor promover atividades individuais ou em grupo, respeitando as diferenças e estimulando a troca entre as crianças (RCNEI, v. 02, p. 32).

Nem todas as crianças interagem da mesma forma, algumas crianças só observavam e a professora sutilmente as instigava respeitando seu tempo e seu ritmo. A capacidade de compreender que não há somente um tempo cronológico guiando todas as coisas, mas há um tempo social que atravessa as vivências das pessoas e que é construído na não-linearidade (BENJAMIN, 1994). Deste modo, o tempo que a criança se sentirá encorajada para interagir e para se sentir pertencente ao grupo não é guiado pelas expectativas da professora e nem regido pelo relógio convencional, mas é um processo construído diariamente no cotidiano da escola.

Nessa perspectiva a rodinha foi o momento propício para a aproximação entre a professora e as crianças, era o local onde aconteciam as interações mais amplas e permitia a aquisição de novos conhecimentos sejam, novas músicas, os nomes dos colegas, novas amizades, regras de convivência e outros conhecimentos que eram apresentadas às crianças de modo prazeroso.

Professora: *Vocês sabem cantar alguma musiquinha?*

Crianças: *Siiiiim!*

Professora: *Qual falem para a professora.*

Crianças: *Siiiiim!*

Professora: *Vocês sabem cantar a musica do sapo?*

Crianças: *Siiim!*

Professora; *Tá bom,então vamos cantar, “o sapo não lava o pé, não lava porque não quer.” (Diário de campo, 2018)*

Ao perguntar para as crianças elas apenas gritam dizendo que sabem, quando a professora pergunta novamente a criança parece não entender o que a professora fala. Mas ao cantar a música do “O sapo não lava o pé” percebemos que as crianças sabem e cantam animadamente junto com a professora. A professora pergunta para as crianças: “*Onde vocês aprenderam a música do sapo? No DVD da galinha pintadinha professora*”, responde uma criança.

As crianças pequenas apesar de estarem ingressado em um ambiente novo, já vão carregadas de conhecimentos que são aprimorados e compartilhados com os demais que fazem parte daquele ambiente:

A escola desempenhará bem seu papel, na medida em que, partindo daquilo que a criança já sabe, ela for capaz de ampliar e desafiar a construção de novos conhecimentos[...]. Dessa forma poderá estimular processos internos que acabarão por se efetivar, passando a constituir a base que possibilitará novas aprendizagens. (REGO, 2011, p.108)

Assim, as crianças cantavam junto com a professora as músicas que as mesmas já conheciam e quando não conheciam a professora cantava repetindo várias vezes, era o suficiente para que elas aprendessem.

Em meio às atividades que aconteciam, vemos que ainda tinha criança que não estava tão seguro no ambiente, como o caso do Lucas 03 (três) anos que chegou junto a professora e falou: “*professora eu quero ir cagar*”. A professora sem entender me chama e pergunta se eu tinha compreendido o que a Lucas 03 (três) anos estava falando. Eu disse que ela está querendo ir ao banheiro. Lucas 03 (três) anos diz: “*nao!eu quero ir cagar*”. A professora entendeu que Lucas estava querendo mingau e falou que não está na hora da merenda. E novamente Lucas fala: “*eu quero ir ca mamãe Gal*”. Assim conseguimos compreender que a criança estava pedindo para ir com a mãe e depois de conversar descobrimos que o nome de sua mãe era Glau.

Percebemos que as crianças verbalizavam, mas em alguns momentos a fala não era tão compreendida. Segundo Nicolau (2010), a criança nesse momento de ingresso escolar não se mostra bem desenvolvida no seu processo de comunicação oral, a linguagem é desenvolvida a partir do seu amadurecimento.

Nicolau (2010) enfatiza que, é a partir das interações onde as crianças mediante a ação com seus colegas e com adultos vão desenvolvendo habilidades afetivo-social, psicomotoras e intelectuais. Essas ações de desenvolvimento eram concretizadas a partir das interações, tanto

na roda de conversa, na hora das músicas, que eram habitualmente cantadas em sala de aula. Dessa forma, conseqüentemente as crianças trabalhavam a oralidade, o cognitivo e o físico, assim criando possibilidades para novos conhecimentos.

As crianças agora se sentem parte daquele ambiente, não há mais choro, a não ser que alguém morda os outros, como presenciamos algumas vezes. Além das atividades iniciais que acontecem na roda de conversa, com a as musiquinhas, o reconhecimento dos seus nomes, um momento que era esperado e que a crianças gostavam era a “hora do brinquedo”, esse momento acontecia sempre após as atividades escritas ou quando o tempo era resumido, a professora distribuía o lego (jogo com peças de montar), os quais as crianças chamavam de monta-monta e a partir deles criavam suas brincadeiras.

Esse momento sempre era livre e não tinha nenhuma finalidade imposta pela professora. Para nossos olhares esse momento foi rico e propício para nós enquanto pesquisadores e para as crianças que ficavam à vontade para brincar se socializar partilhar peças do brinquedo e criar outros brinquedos a partir daqueles. Como mostra a (figura 02). Ou até mesmo sentir-se à vontade para brincar com o brinquedo sozinho (figura 03):



Figura 02: hora do brinquedo
Fonte: Moreno (2018)



Figura 03: a criança brincando sozinha
Fonte: Moreno (2018)

Esse momento do brinquedo era enriquecedor, as crianças interagiam entre si. Saíam de seus lugares para trocar peças do jogo, conversavam. Apesar de ser um momento que se repetia diariamente antes da chegada dos responsáveis, elas ficavam livres, tanto que na figura 03, a criança escolhe por brincar sozinha.

Por meio da brincadeira, a criança pequena exercita capacidades nascentes, como as de representar o mundo e de distinguir entre pessoas, possibilitadas especialmente pelos jogos de faz-de-conta os objetos manipulados na brincadeira especialmente, são usados de modo simbólico, como um substituto para outros, por intermédio de

gestos imitativos reprodutores de posturas, expressões e verbalização que ocorrem no ambiente da criança (OLIVEIRA, 2002, p. 160).

O ambiente que inicialmente foi marcado por medos e insegurança aos poucos se transformou em um ambiente de possibilidades, as brincadeiras assim se tornavam formas mais complexas, criando condições significativas para o seu desenvolvimento. Para elas brincar era um momento de prazer e alegria, as atividades aconteciam dentro e fora da sala, como no parque que no centro da escola, um espaço com brinquedo ao ar livre, ir ao parque era sempre uma grande diversão, como mostra a (figura 04):



Figura 04:As crianças brincando no parque da escola
Fonte: Santos (2018)

Esses momentos que as crianças vivenciavam na escola, contribuía para sua permanência e adaptação no espaço escolar. Ao perguntarmos para a criança se ela gosta de ir para escola ela nos fala: José(3anos): *“eu gosto fessora, eu gosto de pintar de bincar,do paquinho, da machinha, mas eu num como não”*. Essa era uma das crianças que choravam desde os primeiros dias e percebemos que a mesma já conseguia se concentrar, ela sabe que ficaria por um período de tempo na escola, mas que depois voltaria para casa. Perguntamos para ele onde está seu papai? José (03 anos): *“ele já vem já só depois”*, a sua atenção já não é somente em casa, ele já fazia as atividades e mostrar gostar do espaço da sala de aula.

A partir do primeiro mês e meio a professora auxiliar já se fazia presente para dar o suporte para a professora. Coma nossa presença desde início das aulas no ambiente, as crianças não se sentiram intimidada com a nova professora. A professora apresenta como a outra professora nos referindo a nós que já estavam por ali e que também éramos chamadas de professoras tanto pelas crianças e a professora titular.

Embora a chegada da nova professora auxiliar as crianças se mantinham mais próximas e carinhosas com professora titular e conosco. Esse evento era compreensível em razão de termos participado e presenciado o processo inicial de inserção destas nos seus primeiros dias de ingresso na instituição. Compreendemos que o processo de ganhar confiança da criança e adesão a seu envolvimento e inserção no grupo é algo que vai além do tempo de contato, de aproximação imediata que leva ao ato de estranhar o novo, pois mesmo com o passar do tempo atuando na sala com as crianças a nova professora não conseguia estabelecer vínculos de afetividade e de confiança com elas.

Desse fator que contribuía para o distanciamento das crianças com a mesma, percebemos que o problema de empatia era mútuo, ela agia de forma autoritária com as crianças, muitas vezes fazia algumas crianças chorar com ameaças e gritos, assim as crianças se aproximavam sempre da professora e com nós como modo de fuga.

Embora o desafio de se inserir no contexto se dê mais fortemente nas primeiras semanas de ingresso, é notória a necessidade de estar em constante vigilância para que uma experiência mal sucedida possa colocar em risco algo já conquistado pela criança, ou seja, a segurança e a confiança em si mesma. Foram essas experiências vividas no decorrer desse processo que as crianças foram se familiarizando e tomando gosto em estar na escola, seja compartilhando e aprendendo junto com a professora e os colegas ou mesmo se protegendo de situações desagradáveis que surgiam.

É preciso estar atento às relações que se estabelecem no contexto e ser capaz de mediar conflitos que se apresentem como um risco para a adaptação da criança, seja uma relação interpessoal mal sucedida ou mesmo um atraso inoportuno na hora de buscar as crianças na escola, cada ação pode avançar ou causar retrocessos nesse processo e, é necessário que o professor aprenda a lidar com esses riscos. Por ser um momento em que para a criança tudo é importante a ponto de ganhar proporções que seriam impensáveis a um adulto, é necessário zelar por sua estabilidade emocional, pois um simples fato de um atraso da saída causa transtornos que para a criança fica marcado de um jeito ou de outro.

A situação ocorrida em uma ocasião em que uma mãe atrasou 20 minutos para apanhar a criança e, no dia seguinte, esta se recusou a ficar na escola demonstrando desconforto e certa perda de confiança. Percebemos o quanto o ambiente diferente do familiar foi propício para novas aquisições, sem dúvida, cheio de desafios a serem superados e por um lado e de possibilidades construídas.

Tais desafios se estendem ainda para aqueles que lidam com as crianças em casa e veem-se diante do desespero de seu filho em não querer ficar na escola, e com o passar dos

dias surpreendem-se com o desenvolvimento da autonomia e dos avanços no aprendizado das crianças.

Ao perguntarmos para a mãe da Alice 03 (três) anos, sobre suas inseguranças no ingresso de sua criança na escola ela nos responde:

Quando minha filha veio para escola fiquei muito preocupada, porque ela veio falando algumas palavras, só mamava na mamadeira e usava fralda. Algumas coisas aconteceram com ela, quando ela fez xixi na calça” nesse dia fiquei triste porque minha filha tava com vergonha, mas quando eu perguntai se ela queria ir de fralda, ela disse que a professora disse que era uma mocinha e não precisava de fralda. Pra mim foi uma grande alegria e fora que ela chegava em casa dizendo que cantou uma musiquinha e que brincava no parque e que gostava da professora e dos coleguinhas(Responsável da criança Alice, 2018).

Enquanto a mãe da criança Lucas (03 anos):

Bom por um lado foi fiquei feliz mais ao mesmo tempo ansiosa pensando, será que ele vai se adaptar, será que ele vai gostar? Na verdade uma foi uma mistura de sentimento positivos e negativos, porque ele nunca tinha ficado longe da gente, como ele ia ficar com aquela pessoas que ele nem sabe quem é(Responsável da criança Lucas,2018).

Conforme já constatado a família é também peça importante para que essa transição de casa para a escola aconteça o menos traumático possível. A escola, além de cuidar da inserção das crianças se preocupando em organizar a escola para recebê-las, precisa pensar que para a família os sentimentos de insegurança e de angústia também são inevitáveis, de modo que, compreendê-los ou orientá-los nessa ocasião ou anterior a esse momento é fundamental.

Passado aquele momento de aflição, a criança compreende que a professora agora faz parte de sua vida, são sentimentos envolvidos de carinho, amor e atenção, a professora aos poucos ganhou espaço na vida de cada criança. Ao cantar a música ‘Bom dia, “*bom dia oh professora de volta aqui estou, deixei a mamãe em casa seu amigo agora sou*”, é como se a criança tivesse falando agora eu sou seu amigo, aos poucos a professora foi conquistando cada criança, não foi tarefa fácil, pois foi preciso se impor em meios as mordidas, as agressões, e os choros que seguiram durante algumas semanas, conforme a (figura 05):



Figura 05: a professora conversando com as crianças
Fonte: Moreno (2018)

Na terceira semana chega mais uma criança, essa não queria de jeito algum ficar na sala, seu pai deixa na sala e fala: “*se tu chorar vai ver só quando chegar em casa*”. A professora bem paciente pega no colo por alguns minutos, explica que o papai vai em casa fazer comida e quando estiver pronto ele volta para pegar e deixar ele sentado na cadeirinha para assistir o vídeo. Passado algum tempo o choro se transforma em alegria e meio uma atividade e outra a criança pergunta: “*cadê meu pai fessora*”, a professora bem atenciosa responde: “*ele já vem*”(figura 06).



Figura 06: A criança perguntando pelo pai
Fonte: Moreno (2018)

A cada gesto, a cada palavra, a cada música, cada atividade a professora conquistava a confiança de cada criança, essa reciprocidade abriu espaços para novas possibilidades e assim consequentemente a autonomia, alegria e satisfação de cada criança.

Para o andamento e concretização do trabalho desenvolvido com as crianças que ingressam pela primeira vez um ambiente escolar, tivemos a preocupação em entender o contexto geral, na busca de uma melhor compreensão acerca do ingresso da criança na escola, como a escola se organiza em torno do início das atividades escolares ela nos relata:

As atividades relacionadas ao início do ano letivo é o planejamento com os professores, uma reunião com toda a escola. Para atividades além da escola acontece uma reunião com os pais, onde primeiramente falamos com todos os pais e depois são direcionados para as salas dos professores dos seus filhos (Gestorado CEI, 2018).

De fato, o que acontece é uma reunião para dar início as atividades letivas, mas essas atividades poderiam ir além de apenas reuniões para apresentações de professores e atividades escolares que aconteceriam no decorrer do ano letivo, vimos que a escola deveria ter uma preocupação em especial com as crianças que ingressam no maternal, observamos que as crianças chegam na escola com medo daquele ambiente desconhecido.

Através das entrevistas com os pais tivemos relatos de insatisfação em relação a escola como relata um dos responsáveis: “*a reunião que eu participei antes de começar as aulas foi só pra a gente conhecer a sala e a professora dos nossos filhos*”. Ao perguntarmos do que se tratou e se a criança esteve presente ela nos fala: “*Só falaram da contribuição APMC e das atividades que a escola faz para ganhar dinheiro para ajudar na despesa da escola. Ah!e não podia trazer a criança*”.

A fala desse responsável nos leva a uma compreensão que a escola deveria ir além das atividades rotineiras da escola em geral. Nesse momento onde acontece a primeira reunião, a presença das crianças permitiria um contato inicial antes do início das aulas, assim a escola abre espaço para que a criança tenha seu primeiro contato com o ambiente, com os professores e os colegas. Tornando uma estratégia da escola em relação às crianças que ingressam pela primeira vez na escola, mas que infelizmente isso não acontece, como o próprio responsável nos fala “*não podia trazer a criança*”.

Diante disso, perguntamos a gestora se há uma organização para as crianças que ingressam no maternal, ela nos relata: “*as atividades iniciais com as crianças são desenvolvidas junto a professora em sala de aula, nós damos suporte na entrada das crianças*” (Gestora CEI,2018).

De fato, as atividades com as crianças no primeiro dia de aula é de responsabilidade da professora titular de cada sala, a escola não disponibilizou um espaço atrativo que viesse chamar atenção das crianças, o que mais chamou atenção das crianças foi a área do parque

onde vimos crianças que aos adentrar o espaço escola já se dirigiram para área do parque. Diante da fala da gestora e foi observado, a professora foi a única responsável pela adaptação da criança no espaço escolar. A escola enquanto espaço coletivo e de múltiplas faces precisa perceber em seu entorno as questões que permeiam esses espaços e apoiar os professores nesse momento tão decisivo para ambos.

Para a professora foi um momento de solidão, resolver questões complexas como a insegurança dos pais e as emoções das crianças parecia frustrante, pois colocava em risco o trabalho que poderia iniciar menos conturbado ou acabar se arrastar por mais tempo que o necessário para estabilização emocional de pais e de filhos. Porém sua destreza e experiência foram pontos decisivos e que é preciso ressaltar.

Ao partilharmos ativamente desses momentos com a professora, seja como pesquisadoras, sobretudo como futuro docente e estava nesse contexto não apenas para captar dados, mas como alguém que poderia ajudar. Foi aprendizado que na prática da docência será de muita valia. Ver como a mesma se organiza e quais estratégias para utiliza para que as crianças que essa primeira vez no maternal as crianças vivessem essa experiência de forma menos traumática possível.

Uma das estratégias utilizadas pela professora foi o uso dos recursos multimídias, onde através de vídeos e músicas ela conseguia prender a atenção das crianças ao entrar na sala de aula, ela nos relata: *“parafacilitar a adaptação da criança, gosto de colocar vídeos educativos, brinquedos de encaixes, eu converso com eles sobre o tempo que vão ficar na escola e após vão voltar para casa”*. Como mostra a (figura 07):



Figura 07: momento inicial com as crianças
Fonte: Moreno (2018)

Essas estratégias sem dúvida ajudaram as crianças e a professora durante o processo, apesar de ter um plano de atividades a ser seguido, não podia ser predeterminado, pois as crianças chegavam à escola e suas manifestações são as mais inesperadas. Nessas situações a professora sempre tinha autonomia para tomar decisões diferentes do plano a ser seguido.

Deparamo-nos com a professora tendo que levar a criança ao banheiro para dar banho, pois uma criança tinha feito sua necessidade fisiológica na roupa, atividade que não estava explícita no plano, mas que cabe a professora da educação Infantil, a ele é dado o dever de cuidar e de educar.

A professora titular da sala leva isso em consideração nos seus relatos ela nos fala: *“além de educara mim é dado o dever de cuidar, para isso é preciso dar atenção, carinho e amor e isso funciona, as crianças se sentem acolhidas, pois é difícil para elas ficar com pessoas estranhas”*. Craidy e Kaercher (2001) ressaltam essa importância onde o educador deve proporcionar e vivenciar experiências diversificadas e enriquecedoras, fortalecendo na criança sua autoestima e desenvolvendo suas capacidades. Dessa forma a professora estava pronta a vivenciar a cada situação que apareciam diante das crianças.

Diante das inquietações vivenciadas por todos que estavam nesse processo, perguntamos aos responsáveis das crianças. Quais mudanças você observou no comportamento do seu filho, após entrar para a escola? A responsável da criança Luiza 03 (três) anos nos respondeu:

Ela está mais falante, quando chegar em casa ela fala tudo que aconteceu na escola, ela aprendeu a cantar muitas músicas. Ela não quis mais usar fralda e nem tomar mamadeira. Eu fiquei com bastante medo, eu não queria colocar ele tão cedo, ele tem só 03 (três) anos, não sabia nem falar direito, mas ainda bem que eu coloquei no outro ano ele já vai tá acostumado com escola, sei que a professora se dedicou bastante com as crianças e no outro ano não vai ser mais ela (Responsável da criança Luiza, 2018).

A fala do responsável transmite gratidão acerca do trabalho docente que foi desenvolvido ao filho. A escola se torna um espaço privilegiado na medida em que favorece as crianças possibilidades para novos conhecimentos. A responsável de Maria 03 (três) nos fala: *“ele aprendeu a comer a merenda da escola, quando ele vai comer lá em casa, ele quer rezar e ainda canta aquela música da merendinha”*.

Foi um trabalho voltado para as especificidades das crianças que ingressam no maternal, fazendo desse momento o menos doloroso possível, o trabalho docente contribuiu positivamente os impactos encontrados ao ingressarem no espaço escolar, as estratégias foram

relevantes para que as mesmas que viessem vivenciar esse momento de insegurança e medo, assim proporcionando a possibilidade de pleno desenvolvimento para as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ingresso da criança no maternal da Educação Infantil é marcado por momentos de medos e inseguranças. Adentrar um espaço com pessoas desconhecidas e ter que ficar longe de seu grupo social, mesmo que por um período curto de tempo, não é tarefa fácil de aceitação passiva para algumas crianças. A preocupação com ingresso das crianças na escola trouxe para cada uma delas um universo de inquietações e de surpresas agradáveis ou não. Nesse universo a própria criança torna-se o principal alvo da realidade nova que se apresenta a ela com todos os desafios e com as possibilidades.

É comum percebermos que os estudos do cotidiano da criança sejam deixados em segundo plano, estes não são constante alvo de importância no *rol* de temas que envolvem a educação. Diante disso foi importante desenvolver este estudo que se soma a outros que nos ajudaram para melhor compreensão do espaço vivido e das relações de incertezas que cercam esse momento tão importante para a criança e para sua família.

Crianças ainda pequenas que em sua maioria precisavam da ajuda de um adulto para executar algumas atividades básicas e mesmo nos seus 03 anos vivenciaram seus primeiros momentos no ambiente escolar, seus primeiros passos rumo à autonomia de estrear na vida por si mesmos, entre um simples afazer e outro ter a segurança de poder contar com alguém fora de seu grupo social familiar.

Esta pesquisa nos possibilita a reflexão sobre as inquietações acerca do ingresso da criança no maternal da Educação Infantil, na medida em que um ambiente que a ela, inicialmente parece hostil, marcado por desafios e incertezas passa a ser local propício a novas possibilidades de aprendizagens e desenvolvimento pleno. É nesse espaço que a criança ganha autonomia rumo a sua independência, a partir das interações feitas com o meio e com o outro.

O processo de adaptação não pode ser pensado como mera aceitação por parte da criança de algo que está pronto, depende de conhecimentos específicos sobre a criança, seus medos, suas angústias, frustrações e suas necessidades e isso demanda tempo e esforço coletivo para que a criança possa de fato pertencer a essa nova realidade até então desconhecida. Esse processo nos possibilitou vivenciarmos de perto os diversos sentimentos

expostos pelas crianças ao ingressar em um ambiente desconhecido e vivenciar os desafios ali encontrados.

A pesquisa se tornou de grande relevância por nos possibilitar novos saberes vivenciados no dia a dia do campo pesquisado, assim também como a relação criada entre pesquisador e crianças. Lá estabelecemos laços de amizade, confiança e parceria que foram tão importantes para o andamento da pesquisa quanto para a inserção das crianças nesse contexto, afinal, éramos todos estreantes.

Essa pesquisa nos possibilitou aprendizagens que enriqueceram nossa formação e a vida pessoal, enquanto futura profissional atuante nessa etapa de ensino, enfatizando a prática docente que norteou o processo de adaptação no ingresso da criança no maternal, sem deixar de levar em consideração a especificidade de cada criança pequena.

Vivenciamos desde os primeiros dias o contato das crianças fora do ambiente familiar, possibilitando um contato onde tivemos um grau de envolvimento com as crianças pesquisadas, fazendo parte da mesma realidade. Não podemos deixar de valorizar os desafios que as crianças enfrentaram ao ingressar nessa primeira etapa de ensino, esse contato fora do ambiente familiar, para ela não é dado o direito de ingressar ou não na escola, essa não é dada uma decisão dela, mas do adulto. Porém a importância que a escola tem na vida de cada criança que ingressa é indiscutível, cabe realçar que os pais colocam seus filhos na escola porque acreditam nela e que ela pode ser instrumento de mudança na vida de seus filhos.

Por isso as inquietações apresentadas nos primeiros dias são as mais diversas possíveis como o choro, as brigas e os sentimentos envolvidos como o medo e a insegurança, por estar sendo ali expostas a pessoas até então desconhecidas.

Diante desses desafios observados, damos ênfase ao trabalho da professora, onde a mesma usa estratégias para fazer desse momento o menos doloroso possível, facilitando para as crianças em processo de adaptação. A confiança que demonstrou, sua experiência, o conhecimento dessa fase da criança somado ao zelo afetivo que nutria por elas foram decisivos neste momento. Essa confiabilidade que os pais depositaram na professora fez desse momento uma “passagem” menos traumática e estreitou os vínculos entre pais, crianças e professora.

A aceitação da realidade exposta se construiu a partir das interações com o meio e com as pessoas envolvidas nesse processo como a professora e os colegas, que aos poucos proporcionou as crianças estabilidade naquele ambiente. Nesse sentido foi importante para as crianças serem recebidas por pessoas que demonstram estar atentas e preocupadas em responder as necessidades delas, acima tudo de respeitando suas especificidades para que aos

poucos cada uma fosse ganhando autonomia e assim corresponder às expectativas de aprendizagem inerentes à educação formal.

Entendendo que a criança é um ser histórico, um ser que cria e recria, vimos que a criança é um ser de fato de direito e a ela foi dada autonomia para o seu desenvolvimento integral. Não foi um momento de imposições, mas um momento de saberes partilhados e concretizados nas ações vivenciadas na escola e em casa com as famílias. Dessa, forma concluímos que é preciso ter um olhar reflexivo em relação às crianças pequenas que ingressam na primeira etapa de ensino, especificamente no maternal, onde ela tem o seu primeiro contato fora do ambiente familiar. As crianças precisam se sentir como parte desse novo contexto, sendo acolhida da melhor forma possível, não podemos esquecer que há sentimentos envolvidos elas precisam de carinho, amor e atenção.

Em relação aos pais e a família é importante não ignorar seus sentimentos e medos, procurar um ambiente acolhedor não apenas às crianças, mas aos seus familiares é fundamental para iniciar uma parceria que se estenderá ao longo de todo o processo escolar na Educação Infantil. É preciso valorizar esse primeiro contato com a escola e todos são responsáveis para que a criança se sinta acolhida e segura nesse novo espaço de interação/socialização.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Ináuria Fernandes de. **O processo de adaptação e a importância do acolhimento na Educação Infantil**. Universidade Federal do Rio grande do Norte. 2016.
- ÀRIES, Philippe. **História social da criança e da Família**. Trad. Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- BALABAN, Nancy. **O início da vida escolar: da separação à independência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- BENJAMIN, W. **O Narrador In Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo. Brasiliense. 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- _____. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece a **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Portal do Ministério da Educação. Brasília, DF, 1996.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil — Brasília: MEC/SEF, 1998. Volume 1: Introdução**.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Volume 2: **Formação pessoal e social**.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Volume 3: **Conhecimento de mundo**.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 11. Ed. – São Paulo: Cortez 2010.
- COSTA, Geissy dos Reis Cruz. **A rotina na Educação Infantil como meio de inserção das crianças nas relações sociais**. Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Parintins, 2015.
- CRAIDY, Maria e KAERCHER. Gládis Elise P. da Silva. **Educação infantil: Pra que te quero?** – Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FAZENDA, Ivani. **Metodologia da pesquisa educacional**. 12. Ed. – São Paulo: Cortez, 2010.
- FONSECA, Luiz Almir. **Metodologia ao alcance de todos**. 3. Edição. Manaus: Editora valer, 2008.
- FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na educação infantil: observação, adequação e inclusão**. 1. Ed. – São Paulo: moderna, 2012.

KRAMER, Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. 7ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2003.

KUHLMANN JUNIOR, Moyséis. **Infância e Educação: uma abordagem histórica**. Porto Alegre – Mediação, 1998.

MACHADO, Maria Lúcia A. **Pré - escola é não escola: a busca de um caminho** – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

MOYLES, Janet. **Fundamentos da educação infantil: enfrentando o desafio**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado. **A Educação Pré-Escolar: Fundamentos e Didática**. 10ª edição. Editora: Ática, 2002.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: Fundamentos e métodos**. – São Paulo: Cortez, 2002.

RAPOPORT, Andrea. **Adaptação de bebês à creche: a importância da atenção de pais e educadores** /Porto Alegre: Mediação, 2005.

Rego, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico – cultural da educação**. 22ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SOARES.N.F. **A investigação participativa no grupo social da infância**. Currículo sem fronteiras, v.6 pp. 25-40.2006.

STRENZEL, G. R. **A contribuição das pesquisas dos programas de pós-graduação em educação: orientações pedagógicas para crianças de 0 a 3 anos em creches**. N. 1., ANPED. Natal RN, 2001. <http://WWW.ced.ufsc.br/~nee0a6/tgistrenz.PDF>. Acessado em 13/08/2017.

VYGOTSKY, L.S. **A formação da mente**. 4ª ed São Paulo: Martins Fontes, 1991.

APÊNDICES

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP CURSO DE PEDAGOGIA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-TCC

TERMO DE CONSENTIMENTO DE DEPOIMENTO E USO DE IMAGEM

NOME DA CRIANÇA:

IDADE: _____

ENDEREÇO: _____

OBJETO: Entrevista gravada, fotografia, filmagem exclusivamente para o Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas.

DA PARTICIPAÇÃO: Autorizo meu/minha filho (a) participar da pesquisa de campo sobre “**PROCESSO DE ADAPTAÇÃO: A INSERÇÃO DAS CRIANÇAS NO MATERNAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL**”. Esta pesquisa será realizada no período de Fevereiro 2018 a Outubro de 2018, como parte do TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC no curso de Pedagogia.

DO USO: Autorizo o uso da Universidade do Estado do Amazonas- Curso de Pedagogia situada à Estrada Odovaldo Novo, Nº 979, 69.152-320 – Djard Vieira Parintins- AM, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros e plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que minha/meu filho (a) prestará a pesquisadora **MARIA MIRACI ROCHA MORENO**.

A Universidade do Estado do Amazonas- Centro de Estudos Superiores de Parintins, fica conseqüentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, com ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Parintins-AM, ____ de _____ de 2018.

Assinatura do pai e/ou responsável pela criança.

Assinatura da criança participante da pesquisa.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE PEDAGOGIA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO/TCC
TEMA: “PROCESSO DE ADAPTAÇÃO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES
VIVENCIADOS PELAS CRIANÇAS AO INGRESSAR NO MATERNAL DA
EDUCAÇÃO INFANTIL”.

ENTREVISTA AOS PAIS

- 1- Qual o seu nome? Quantos filhos você tem?
- 2- Com quantos anos seu filho(a) ingressou no Maternal?
- 3- Seu filho faz uso de chupetas, mamadeiras? Ele come qualquer tipo de alimento?
- 4- Seu filho (a) antes de ir para a escola fazia suas necessidades fisiológicas sem 5- precisar da ajuda de um adulto?
- 5- O que você sentiu em relação a seu filho(a) frequentar pela primeira vez na escola?
- 6- Qual foi a reação de seu filho (a) ao ir pela primeira vez a escola?
- 7- Você participou de reunião antes do início das aulas? Do que se tratou? Teve a presença da criança?
- 8- Quem costuma pegar e leva seu filho (a) na escola?
- 9- Seu filho(a) ao ingressar na escola já se expressava oralmente bem?
- 10- Você percebeu mudanças no comportamento de seu filho(a), após frequentar a escola? Quais?

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE PEDAGOGIA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO/TCC
TEMA: “PROCESSO DE ADAPTAÇÃO: A INSERÇÃO DAS CRIANÇAS NO
MATERNAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL”.**

Questionário a Gestora

Como a escola se organiza para o início das atividades escolares?

R: _____

Há uma organização em especial as crianças que ingressam no maternal?

R: _____

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE PEDAGOGIA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO/TCC
TEMA: “PROCESSO DE ADAPTAÇÃO: A INSERÇÃO DAS CRIANÇAS NO
MATERNAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL”.

QUESTIONÁRIO PROFESSORA

Qual o seu nome?

R: _____

Qual a sua formação?

R: _____

A quanto tempo você trabalha na área (Ed. Infantil/Maternal)?

R: _____

Quais metodologias você utiliza que ajudam no processo de adaptação da criança na escola?

R: _____

Você gosta de atuar na área? Por que?

R: _____

Você encontra dificuldades em trabalhar com crianças do maternal? Quais?

R: _____

ANEXO